

CAPÍTULO 3: O PROCESSO DE SOBREVIVÊNCIA DOS CATADORES DO LIXÃO DE JOÃO PESSOA

O Bicho

*Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio,
Catando comida entre os detritos
Quando achava alguma coisa
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.
O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato,
O bicho, meu Deus, era um homem.*

(Manoel Bandeira – *Estrela da vida inteira*, 8ª edição, José Olympio,
Rio de Janeiro, 1980)

3.1 - Origem Geográfica e Social dos Catadores

O Lixão de João Pessoa aglutina no seu contexto, cotidianamente uma população de quase seiscentas pessoas que, com o desenvolvimento do seu trabalho, como ato concreto, individual ou coletivizado, produz uma alternativa forma de sobrevivência.

Com relação à mobilidade desta população pesquisada, constatou-se que a origem dela é bastante diversificada. A maior parcela é proveniente do campo, e o restante, também expressiva, é oriunda da zona urbana.

Com base nos dados coletados e analisados, produto de entrevistas formais e informais que realizamos com esta população, no período compreendido entre julho de 1999 e outubro de 2000, podemos afirmar: são originários do Estado da Paraíba (zonas urbana/rural) a imensa maioria dos catadores que atuam no Lixão. Uma parcela ínfima é advinda de outros Estados nordestinos como Pernambuco, Rio Grande do Norte, Ceará, Alagoas e até o Maranhão.

Da zona rural paraibana identificamos pessoas com proveniência de distritos, povoados, sítios, pertencentes aos municípios de: São José de Piranhas, Conceição, Catolé do Rocha, Sousa, Alagoa Grande, Alagoinha, Natuba, Serraria, Mulungu, Bananeiras, Patos, Caiçara, São Miguel de Itaipu, Areia, Picuí, Itabaiana, Dona Inês, Guarabira, Pilões, Mari e Rio Tinto. Já da zona urbana, por esta entendida, sede do município do território paraibano, migraram e continuam migrando, como tem acontecido nos últimos dois anos, de Campina Grande, Sapé, Cajá, Guarabira, Monteiro, Mamanguape, Conde, Alhandra, Cabedelo, Espírito Santo e preponderantemente de Bayeux e Santa Rita. Ainda foram identificados contingentes de João Pessoa, emanados de suas comunidades periféricas (Alto do Mateus, Grotão, Bairro das Indústrias, Bairro de Oitizeiro, Bairro dos Novaes, Cruz das Armas, Mandacarú, Cidade Padre Zé, Ilha do Bispo, Sonho Meu e Torre de Babel (localizados no contexto do Bairro Valentina Figueiredo) e Baixo Roger.

Verificou-se que os catadores naturais de João Pessoa são minoritários em relação à quantidade de catadores oriundos de outras regiões da Paraíba.

Objetivando uma melhor compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais que envolvem estes atores principais de nossa pesquisa, tivemos a curiosidade de saber quais os reais motivos ou causas determinantes que os levaram a abandonar o campo e por que se tornaram catadores, obtendo dos mesmos as seguintes explicações:

"Porque no interior onde morava a terra que já era pouquinha, não era nossa."

"Porque não tinha terra prá trabalhar. O patrão só queria plantar capim nas vazantes e beiras do rio."

"Porque não tive escolha. Precisava dar de comer a minha família. Ou saía daquela terra seca e sol de tostar ou ia morrer tudinho de fome."

"Trabalhava no roçado, mas a terra não era nossa. Trabalhava alugado e de tempos em tempos de meia, tinha que dar quase tudo pro dono da terra. Com as secas, foi o fim. Só deu certo aqui."

"Tinha patrão que queria porque queria, que eu assinasse meu nome para poder receber a paga. Só que botava o dedão e pronto. Fui dispensado."

"Os homens por lá que são grandes e mandam mesmo, só querem nos dá prá plantar cana. Não tem futuro algum".

"Lá em São José de Piranhas, a seca é muito grande. Quando chove dá prá molhar só a capa da terra, que mesmo assim, não era minha. Viemos prá João Pessoa trabalhar em qualquer coisa. Nada deu certo prá nós. O jeito foi vir prá cá."

Através destes depoimentos percebe-se que as famílias não abandonaram o campo espontaneamente mas foram forçadas sem nenhuma chance de defesa a procederem desta forma.

TARGINO e MONTE (1988:16) nos revelam que uma série de fatores decorrentes da subordinação real da agricultura ao capital tem contribuído para a intensificação deste fenômeno que é o êxodo rural:

a) expansão da cana-de-açúcar em áreas tradicionalmente policultoras; b) modificações no processo produtivo da pecuária, notadamente a expansão da pastagem plantada e da quebra da complementariedade que mantinha com a policultura tradicional; c) transformações nas relações sociais de produção e sobretudo a desarticulação do antigo sistema de morador e do avanço do trabalho assalariado; d) dependência da agricultura em relação ao capital financeiro, impondo-lhe este último o controle de custos/receitas; e) reforço da concentração da propriedade fundiária. Da conjugação desses fatores resulta a intensificação do processo de expropriação/expulsão do trabalhador rural.

Tal análise realizada pelos pesquisadores, acima mencionados apenas comprova a manutenção de uma estrutura fundiária no Estado da Paraíba balizada pelo fortalecimento das monoculturas latifundiárias propulsoras do aumento da riqueza para as oligarquias agrárias desta região, com a conseqüente fabricação de novas e crescentes levas de excluídos.

Quanto ao trabalhador e famílias que residiam nas áreas urbanas das cidades interioranas deste Estado, nas periferias de sua capital, ou em outros Estados nordestinos, nos seus depoimentos afirmaram que tinham saído do seu local de origem e se transformado em catadores porque:

" - Não tinha onde trabalhar o povo pensa que a criança que não trabalha é "cheira-cola" e ladrão. Meus pais não têm emprego. Estou aqui pra melhorar a barra."

" - Por causa da falta de trabalho e da idade que tá avançada."

" – Trabalho na Prefeitura Municipal de João Pessoa (Núcleo administrativo de Mandacarú) mas ganho apenas Cr\$ 136,00, não dá para sustentar toda a família.

" – Falta emprego para todos os jovens em Santa Rita."

" – Por causa da idade não dá pra trabalhar fora e tenho uma filha de 8 anos e não quero que ela passe pelo que tou passando. Quero que ela estude e não venha pro Lixão."

" – Perdi o marido, tenho três filhos para criar sozinha. Meu grau de estudo é pouco. Não tem como arranjar um emprego melhor do que este. Emprego não . . . meio de vida."

" – Trabalhei em várias firmas de servente, motorista, vigilante, pedreiro. Todas quebraram, fecharam as portas. Terminei desempregado e achei a solução por aqui mesmo."

" – Mãe e pai pede pra ajudar a eles já faz três anos que trabalho aqui. No fim de semana, eles me dão alguma coisinha. . . o resto a gente se vira aqui dentro mesmo, achando roupa, um calçado, brinquedo, comida, o que der pra aproveitar. . ."

" – Sou motorista, mas não tenho carteira. A experiência no volante é muita, mas existe a falta das letras. O estudo, certo? O estudo é pouco e a idade prejudica . . . tá avançada."

" – No interior onde nós morava não tinha emprego de jeito nenhum. Nunca tinha emprego. Viemos para a capital pensando em melhorar a situação. . ."

" – Viemos aventurá uma nova vida, mas tivemos dinheiro pra pagar aluguel lá no Bairro dos Novaes. A família ficou grande, maior, sabe? O jeito foi nós arranjar uma casinha aqui na favela do "S" e trabalhar no Lixão. É tudo como Deus quer."

" – Meu marido me abandonou com três crianças pequenas. Sem ajuda de nada e de ninguém virei catadora pra dá o sustento a elas."

" – A coisa mais besta que fiz na minha vida toda foi vender minha casinha lá em Catolé do Rocha, deixando de fazer meus bicos e vir iludido pelas propagandas e avisos dos vizinhos,

morar em João Pessoa. Eu imaginava que aqui tudo seria bom. As coisas iam melhorar. Mas nada disto deu certo. Foi pior. . . é problema atrás de problema e ajuda que é bom não vem de canto nenhum. Acho que vou morrer catando lixo, porque coisa de valor não cai aqui todo dia. É muito difícil."

Verifica-se pois, que os catadores estão inseridos num contexto de miséria, o que contribui para o rebaixamento dos seus níveis de subsistência, conduzindo-os a vivenciar aquilo denominado por alguns autores(as) de **apartação ou apartheid social**.¹

Esta apartação promove e sedimenta a condição de subalternidade destes segmentos sociais, inclusive através do entravamento dos seus baixos níveis de escolaridade, impossibilidade de tornarem-se proprietários dos indispensáveis meios de produção, permanente instabilidade econômica e financeira, vulnerabilidade a outras formas não menos danosas de dominação e exclusão.

Os sem-terra expulsos do campo e os sem-teto, ambos vítimas do processo de urbanização desordenado e acelerado que não lhes garantiu trabalho e renda mínima, acabam encontrando no Lixão a "única" alternativa de sobrevivência.

A condição de subalternidade, expressada nos depoimentos aqui transpostos, revela suas múltiplas facetas engendradas pelas relações de dominação, exploração e exclusão econômica, política e social, enclausuradoras dos catadores na situação de não proprietários dos meios de produção.

Tanto a população migrante do campo, quanto os segmentos sociais oriundos da cidade que trabalham no Lixão, têm origem e condição concretamente formatada no âmbito das classes subalternas, agravada pelo fato de estarem e sobreviverem envolvidos, por este imenso depósito de despejo de compostos orgânicos e inorgânicos a céu aberto.

O Lixão de João Pessoa, "batizado" ideologicamente de Lixão do Roger (por ter sido transposto para a comunidade do Baixo Roger situado na zona periférica norte desta capital), enquanto espaço geo-econômico e social, passa a impressão de ter sido constituído para isentar não apenas as classes dominantes locais de suas verdadeiras responsabilidades com a limpeza urbana, transporte e depósito sistemático do lixo coletado, mas acima de tudo para abrigar os desalojados pelo capital: os destituídos de meios de produção básicos do campo e da cidade; os expulsos das empresas capitalistas da cidade devido à precarização dos seus níveis elementares de escolaridade; os que transformaram-se em vítimas trágicas da recessão econômica e do neocolonialismo; os que são considerados por causa da idade um estorvo, dentro do modelo de crescimento econômico capitalista, dependente, concentrador, expansionista, associado e excludente.

Muito bem sintetiza esta situação Emília de Rodat Moreira em (1988):

Os despejados do campo e da cidade sem meios para adquirir um chão e um teto vêm-se obrigados a misturar-se com o lixo num espaço onde ainda lhes é permitido sobreviver: o espaço de despejo de lixo, de homens e de animais, como o Lixão do Roger.

3.2 - Escolaridade

O Quadro 3.1 a seguir revela superficialmente a situação de escolarização formal e de alfabetização dos 50 catadores que entrevistamos.

QUADRO 3.1 – ESCOLARIZAÇÃO E ALFABETIZAÇÃO DE 50 CATADORES POR NÓS ENTREVISTADOS EM 2000

	FAIXA ETÁRIA 09 a 14 ANOS	FAIXA ETÁRIA 15 aos 19 ANOS	FAIXA ETÁRIA 20 A 59 ANOS	FAIXA ETÁRIA 60 OU MAIS ANOS	TOTAL
PARARAM DE ESTUDAR	04	08	08	00	20
CONTINUAM ESTUDANDO	01	02	00	00	03
NUNCA ESTUDARAM	00	00	26	01	27
TOTAL	05	10	34	01	50
NÃO SABEM LER E ESCREVER	02	03	26	01	32

Como era de se esperar, a proporção de catadores com acesso à escola é bem maior entre os que têm menos de 20 anos de idade. E é escusado dizer que se trata de uma escolarização longe de completa, pois nenhum dos catadores entrevistados chegou além da sétima série do curso primário e apenas quatro dos 23 que freqüentam ou freqüentaram alguma escola chegaram além da quarta série.

Perece-se, portanto, que a frieza destas quantificações mascara uma profunda exclusão destes atores sociais do direito de acesso e permanência na escola enquanto instituição que pode assegurar uma boa formação e preparação para o exercício pleno da cidadania. Isto tem

obrigado estes trabalhadores a manterem-se em condições inadequadas de vida, sem alimentos, assistência médica, educação, moradia, enfim, sem requisitos mínimos para a conservação da vida. A privação prolongada do acesso à escola e da educação pública e gratuita de boa qualidade, introduz e amordaça os pobres na camisa-de-força da miséria, inviabilizando-lhes ascensão na pirâmide social.

Contudo, salientamos que reconhecemos como, por demais importante, verdadeiros e profundamente fidedignos, o saber e o conhecimento, derivados do processo de aprendizagem informal, construído acima de tudo pelas experiências propiciadas pelo trabalho.

Dentro desta perspectiva RODRIGUES (1999:25) escreve:

A educação informal, veiculada de boca a ouvido, assimilada através da observação, participação e imitação diuturnas, revela-se de extrema eficácia, na população de Araçá. Tudo aquilo que corresponde a hábitos e práticas necessárias ou importantes para a sobrevivência em condições adversas, dentro da situação vivida de marginalidade econômica, todos aprendem satisfatória e rapidamente sem proferir discursos eloqüentes, discretamente calados, mantendo cauteloso silêncio demonstram aprender e praticar a moral, as normas, os costumes, a cultura, tipicamente característicos da comunidade marginalizada.

Do mesmo modo que os trabalhadores de Araçá não foram contemplados ou sentiram a necessidade de serem beneficiados com nenhum curso de sobrevivência nesta comunidade, os trabalhadores do Lixão jamais se ressentiram do mesmo não lhes ter sido ministrado nestes últimos quarenta anos. Em ambas situações, a aprendizagem é informal, resultante da educação informal gerada e amplamente veiculada no próprio local de trabalho. Mais que um

poderoso mecanismo de garantia da sobrevivência destes, constitui uma educabilidade compartilhada.

Os filhos dos catadores e seus pais de um modo geral, embora sejam os expoentes máximos genuínos e autênticos deste paradigma educacional, cultural e político, não têm acesso à escola e educação pública gratuita e de qualidade. Educação enquanto produção-formação de homens e mulheres e construção da identidade das classes trabalhadoras.

ARROYO (1995:77/80) escrevendo sobre o direito do trabalhador à educação faz esta asserção:

Entre nós a negação da escola ao povo faz parte não apenas de uma negação dos instrumentos básicos transmitidos pela escola, mas da negação do direito das classes trabalhadoras à educação e à formação da cultura e da identidade enquanto classe. (...) O capitalismo tem sido esperto em garantir um mínimo de educação escolar básica para as classes trabalhadoras continuando a reprimir o direito à educação. A burguesia tem tentado distrair o povo e os profissionais da educação apenas à entrada e permanência durante alguns anos na escola.

Assim, para o caso dos catadores do Lixão acreditamos que o conjunto das propostas, projetos e programas de escolarização que foram implementados tanto por instituições governamentais vinculadas ao atual Governo do Estado da Paraíba, como pelas integrantes do Governo Municipal da capital paraibana, envolvendo transitoriamente parcela dos catadores, nada mais representou do que tentativas abertas ou dissimuladas da negação de direitos a estes trabalhadores de ter acesso e permanência não apenas à escola mas à educação como instrumento de libertação.

Todas as ações governamentais preconizadoras de escolaridade foram construídas *para* os catadores e não *com* eles. Isto é, foram construídas secundarizando a materialidade de suas relações, enquanto sujeitos humanos detentores de conhecimento, valores, cultura, saberes sociais, representações, subjetividade e, principalmente condição de trabalhadores informais submetidos à acentuada dominação, exploração e miséria cotidiana. Neste sentido, tanto os projetos formais de escolaridade promovidos para os catadores, como os programas informais de "educação" também voltados a estes, não foram expressões efetivas de suas reais necessidades, nem serviram de auxílio à supressão das mesmas.

Para salientarmos ou realçarmos nossa análise, comprovamos a existência de cinco estabelecimentos de ensino na comunidade do Baixo Roger, próximos ao depósito do Lixão, destinados à primeira fase do primeiro grau menor: Escola Estadual do Primeiro Grau Ana Higina; Escola Municipal Monsenhor João Coutinho; Escola Municipal Frei Afonso, esta última bem perto à "boca do Lixão"; Escola da Congregação Religiosa São Vicente de Paula; e a Escola Virgem dos Pobres que funciona há oito anos desenvolvendo projetos de alfabetização de crianças e de adultos em convênio com a Secretaria de Educação da Prefeitura Municipal de João Pessoa. A aludida escola pertence à Comunidade Virgem dos Pobres,² existente há quinze anos na favela do "S", bem próxima ao depósito do Lixão, tendo como lema "compreensão, solidariedade e fraternidade entre todos" sob a coordenação das freiras Veneranda, Paula, Leopoldina e Gonzales, integrantes do Instituto João XXIII.

De acordo com o Programa É Prá Crescer³ da Secretaria do Trabalho e Promoção Social/PMJP, esta instituição "fez a inclusão dos filhos dos catadores do Lixão residentes no Condomínio Esperança e comunidade do "S", no Projeto Bolsa Escola da Prefeitura Municipal

de João Pessoa e do Ministério da Previdência e Assistência Social." (Entrevista que nos cedeu Isa Silva de Arroxclas Macedo, Secretária da SETRAPS em 14 de novembro de 2000)

Contrapondo-nos a estas informações, entendemos que estes segmentos sociais têm direito não apenas a uma bolsa escola de quarenta reais, recebida geralmente com atraso, conforme ocorreu durante todo o ano de 2000, mas o direito à escola e educação pública gratuita e de qualidade para todos. Educação enquanto produção-formação de crianças, jovens e adultos e construção da identidade das classes trabalhadoras.

Na verdade, dezenas de famílias de catadores tiveram e continuam tendo o direito à educação violado. O conjunto das bolsas-escola garantidas revelou-se insatisfatório, e mesmo os grupos familiares que obtiveram acesso a este razoável benefício não foram contemplados com outras para os demais integrantes da mesma unidade familiar.

Assegurada de maneira assistemática, a bolsa-escola termina por não cumprir suas finalidades: o reingresso, a permanência e o sucesso de todas as crianças e adolescentes na escola.

Pode-se constatar a coerência de nossa crítica nos depoimentos seguintes evidenciados pelo Jornal O NORTE (24/09/2000: A-25:

* – *Regina Carvalho de Lima* – moradora da Favela do "S" diz: *J.S. de 12 anos teima em trabalhar no Lixão mesmo sem meu marido deixar, embora tenha bolsa escola.*

– *Patrícia Ferreira Dantas* – moradora do Condomínio Esperança diz que seu filho *T.S.O. de 11 anos não pode mais trabalhar e ela está insatisfeita com a falta de ajuda financeira do filho. "Quarenta reais não dá para sustentar*

ninguém. Se ele for olhar carro, ele ganha trinta reais por semana. Escola é bom mas o dinheiro é pouco."

– Fabrícia Nogueira Chaves – moradora da Favela do "S" diz: Agora de dia a gente não vê nenhuma criança catando no Lixão, mas quando chega a noite muitos meninos vão para lá. Essa bolsa não adiantou quase nada, porque eles recebem o dinheiro e continuam trabalhando."

A pretensão dos poderes assim proclamados "públicos" em tentar erradicar ou minimizar condicionantes bastante negativos da escolaridade de tais crianças, como o trabalho precoce, a desnutrição e baixa frequência escolar utilizando-se prioritariamente de práticas assistencialistas materializadas por suas "instituições sociais" configura não apenas uma inversão de prioridade, mas uma negligência para com esta infância marginalizada e seus respectivos familiares.

O conteúdo dos depoimentos elucidam ainda a impossibilidade de uma aliança estável ou duradoura entre trabalhar e estudar para os catadores, sejam crianças, jovens, ou adultos. Nos parece que para estes e tantos outros mais "silenciosos" não é a escola com seus atributos, exigência, perspectivas, o lugar para permanecerem e cultuarem, mas, o Lixão como condição fundamentalmente decisiva de sua sobrevivência. Afinal este é o universo "inseparável" de suas existências. Foi ali onde inúmeros nasceram, desencadearam suas mais marcantes experiências e trabalharam durante a mais tenra idade.

Não nos é estranho, absurdo ou ridículo que significativa parcela destes trabalhadores, assimilem esta destacada localidade como bonita, "legal", "natural", poucos frequentando escolas distanciadas de suas realidades cotidianas, abandonando-as quase sempre nos três

primeiros anos de estudo, fator este determinado pela não alteração das condições de vida e trabalho de todos.

De acordo com um trabalho de LÚCIO datado de 1988, foram apresentados os dados a seguir, tirados de um universo de 50 famílias representando um total de 284 pessoas, alguns de cujos membros eram catadores do Lixão:

LIXÃO DO ROGER

QUADRO 3.2

FATORES QUE LEVARAM A POPULAÇÃO A NUNCA FREQUËNTAR A ESCOLA	
CAUSAS DETERMINANTES DA NÃO ESCOLARIZAÇÃO	PERCENTUAL
Faixa etária não escolarizável	55,5%
Nunca desejou frequentar a escola	18,2%
Ingressou cedo no mercado de trabalho	11,8%
Desinteresse dos pais em por as crianças na escola	10,0%
Motivo de Saúde	2,7%
Residia na zona rural onde não existia escola	1,8%

QUADRO 3.3

Fatores responsáveis pela não freqüência atual da população à escola

Componentes motivacionais produtores da ausência à escola	Percentual
Faixa etária não escolarizável	28,6%
Trabalho	24,3%
Não quer	19,5%
Motivo de saúde	10,0%
Cuida da casa e das crianças	9,0%
Ausência de vagas na escola do bairro	5,7%
Os pais não tem interesse que os filhos estudem	1,4%
Marido não deixa a mulher estudar	0,5%
Ausência de escola para o sexo masculino na favela do S	0,5%
A mãe não quer que a filha estude à noite	0,5%

As declarações abaixo pronunciadas por alguns entrevistados desta pesquisadora confirmam o peso destes fatores:

- Larguei o estudo cedo para ajudar meu pai no roçado. Ainda tentei continuar estudando, mas o cansaço do trabalho era tanto que acabei desistindo.

– Se pudesse eu voltava a estudar, mas não posso: - tenho que trabalhar muito para sustentar minha família.

– Para que estudar? O que o estudo pode me dar? Para ter dor de cabeça, já chega os problemas que tenho.

– Não tenho saúde para estudar porque sou doente de nervos. Qualquer aperreio fico com o juízo ardendo.

– Ainda coloquei minha filha num colégio aqui próximo, mas tive que tirar porque ela é muito fraca, sem sangue – não tem animação para o estudo.

Tanto os dados apresentados por esta pesquisa empreendida há doze anos, quanto os que foram possíveis de evidenciamento mais recentemente através de nossa pesquisa, nos deixam mais fortalecidos para compreender e afirmar que os principais obstáculos verdadeiros para o acesso e permanência dos catadores na escola são:

- a) Ausência de uma base material digna, capaz de provocar uma ruptura ampla, fecunda, e permanente da miséria que os envolve e amortece.
- b) As péssimas ou deploráveis condições de trabalho, o que causa doenças que impossibilitam a frequência à escola.
- c) O desenvolvimento da atividade de catação do lixo subordinada a contundente processo de dominação e exploração, reforçada por heterogêneas formas de adversidades.
- d) Desconsideração das condições sócio-econômicas reais das famílias como um todo, por parte dos "técnicos/agentes sociais", representantes das instituições governamentais, que atuam direta e indiretamente com eles.
- e) A restrita quantidade de bolsa-escola e seu restrito valor financeiro.

- f) A grande incidência de acidentes de trabalho envolvendo, acima de tudo, crianças e jovens, bem como, a exposição destes e, dos adultos, a doenças como febre, inflamações nas mãos e pés, doenças respiratórias, micoses e dermatoses alérgicas, pneumonia, tuberculose, irritação ocular, tétano, entre outras não menos graves que já transformaram inúmeros catadores em vítimas, devido ao contato destes, diretamente com o lixo.
- g) A abrangente jornada de trabalho realizada por quase todos, que, ganhando pouco e premidos pelo tempo dedicado ao trabalho, não têm tempo para estudar.
- h) Negação por parte dos instituições governamentais de oportunidades sócio-educativas-culturais tanto formais quanto informais que impliquem em possibilidades de construção dos requisitos essenciais da cidadania.

Ainda consideramos relevante dar ênfase à primeira etapa da pesquisa em curso, reveladora da realidade das crianças que trabalham no Lixão de João Pessoa, onde no seu contexto são enfocados importantes aspectos da escolaridade dos adolescentes entre 12 e 17 anos, os quais foram parcialmente divulgados pela professora/pesquisadora Maria Gorete Laier no *Correio da Paraíba*, segunda-feira, 14 de Junho de 1989:

Mais de 48% das crianças e adolescentes que trabalham no Lixão do Roger, em João Pessoa, tem estrutura familiar composta por pai, mãe e irmãos. E 80% dos adolescentes entre 12 e 17 anos não estudam, desses, 58% abandonaram a escola para trabalhar. A renda média da família das crianças do Lixão varia de R\$ 20,00 a R\$ 30,00 por semana, atingindo um salário mínimo mensal. Os pais alegam que não têm com quem deixar os filhos enquanto estão trabalhando e que, por isso, são forçados a levá-los para o Lixão. Só que as crianças não estão lá para brincar. Mesmo os menores já

*trabalham separando o lixo. As crianças do Lixão nem sabem que têm direito a alguma coisa.*⁴

Por fim, este depoimento, vem corroborar os embates, dilemas, e contradições derivados das relações trabalho-educação vivenciadas pelos catadores, anteriormente já evidenciados.

3.3 - As Condições de Moradia

A inexistência de moradias quantitativamente adequadas bem localizadas e acessíveis às classes subalternas torna as condições de vida destas muito mais difíceis, acima de tudo nas metrópoles e cidades de porte médio deste país.

De acordo com NORONHA (2000:26):

Em termos quantitativos, o déficit habitacional no Brasil, é de 5,6 milhões de moradias. Traduzindo: há 22 milhões de brasileiros sem teto. O déficit qualitativo não é menor: outros 20 milhões enfrentam sérios problemas habitacionais. Total dos déficit: mais de 40 milhões de pessoas morando muito mal.

Dentro deste contexto, estão inseridos os catadores que, não tendo perspectivas de aquisição de moradia, a preços compatíveis com seus restritos rendimentos, terminam ocupando terrenos ociosos de propriedade da União (dentro e fora das dependências do Lixão) em área por eles denominada duplamente de Favela do "S" ou de Favela do Lixão.

Nesta localidade, os catadores edificaram dezenas de casebres, bastante pequenos, geralmente com as sobras de materiais ou produtos garimpados no próprio depósito do lixo (estacas, ripas, tijolos, entre outros).

A maioria das "casas" é de baixa altura, com piso de barro batido, detendo poucos compartimentos, despojados de fossa sépticas e adequado sistema de escoamento dos dejetos. Há inúmeras moradias onde pode ser verificado o amplo emprego de argila para sua construção, secundada pela utilização de papelão, plástico, telhas ou folhas-de-flandres.

O local que famílias sem teto encontraram, dando um "jeitinho" para construírem suas casas de taipa, papelão, tábua e mais recentemente de tijolos, caracteriza-se por ser encharcado e salgado (terreno de mangue).

Apesar de a maioria das residências possuir água encanada e energia elétrica, as condições ambientais são insalubres e inóspitas, com o esgoto circulando a céu aberto, os animais convivendo com o lixo e com a poluição ambiental desta localidade, constituindo fonte de alimentação e de risco à comunidade, além da lama e dejetos humanos invadindo as casas.

As famílias que neste local permanecem são sobreviventes não apenas da "ação do lixo" (gases tóxicos, mosquitos, animais soltos, etc.), mas do próprio lixo. Elas são vítimas da miséria e violação dos seus direitos humanos e sociais, entre os quais o direito à moradia, adequada às suas necessidades fundamentais. A ausência deste acontece parcialmente no Condomínio Esperança e de maneira preponderante na Favela do S como também no interior do próprio depósito do Lixão.

Corroborando isso, escreve DALLARI (1998: 36-37):

Para cumprir suas finalidades, a moradia deve ser digna, condizente com as exigências da natureza humana, devendo ser bem melhor do que o abrigo precário e rudimentar de um animal irracional. A moradia deve ter a marca do ser humano que a utiliza, refletindo suas necessidades seus gostos,

suas crenças e valores. Assim pois, a moradia deve proporcionar o conforto e a proteção reclamados, pelo corpo humano, mas deve também oferecer condições para satisfação das necessidades espirituais dos seres humanos.

Como se verifica, as condições de moradia dos catadores não são aquelas indispensáveis para o atendimento das suas necessidades básicas. Nestas condições tanto o repouso físico, quanto o espiritual das famílias fica totalmente comprometido, afetando inclusive o desempenho e segurança destas no trabalho.

Assim pois, tem razão o professor Milton Santos (citado em SENE e MOREIRA, 1987) ao escrever:

A rede urbana, o sistema de cidades, também tem significados diversos segundo a posição financeira de indivíduo. Há num extremo, os que podem utilizar todos os recursos aí presentes, seja porque são atingidos pelos fluxos em que, tornado mercadoria, o trabalho dos outros se transforma, seja porque eles próprios, tornados fluxos podem sair à busca daqueles bens e serviços que desejam adquirir na outra extremidade, há os que nem podem levar ao mercado o que produzem, que desconhecem o destino que vai ter o resultado do seu próprio trabalho, os que pobre de recursos, são prisioneiros do lugar, isto é, dos preços e das carências locais. Por isso são cidadãos diminuídos, incompletos. Essas distorções devem ser corrigidas, em nome da cidadania.

Tais considerações são retratadoras do fato de que a urbanização brasileira vem sendo desenvolvida lado a lado com a elevação da miséria e deterioração crescente das possibilidades de vida digna aos novos cidadãos urbanos. Além disso emite a interferência concreta da rede urbana no cotidiano deles de forma diferente, segundo as poucas

possibilidades de sua classe social porque também o solo urbano aqui é um bem do capital, restando aos de renda mínima ou de nenhuma renda, ocuparem as bases das falésias, "cabeceiras" dos rios, ou produzirem aterros das áreas de manguezais para a construção de seus barracos, cabanas ou casebres, como ocorreu com os catadores do Lixão.

É preciso salientar ainda que a manutenção de condições de moradia tão insatisfatórias contraria frontalmente o Pacto Internacional dos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais, assinado pelo Brasil e aprovado pela Assembléia Geral da ONU. Ele assegura, no seu artigo 11, o direito a um nível de vida adequado no qual expressamente se inclui um direito a moradia adequada:

Os estados partes do presente pacto reconhecem o direito de toda pessoa a um nível de vida adequado para si próprio e sua família, inclusive a alimentação, vestimenta e moradia adequadas, assim como a melhoria contínua de suas condições de vida. Os Estados partes tomarão medidas apropriadas para assegurar a consecução desse direito, reconhecendo, nesse sentido, a importância essencial da cooperação internacional fundada no livre consentimento.⁵

A existência de preceitos jurídicos tão sistemáticos e democráticos na prática não tem servido para minorar a miserabilidade das nossas classes subalternas.

De maneira quase generalizada tanto na Favela do "S" como acima de tudo dentro do Lixão as moradias não oportunizam condições para a satisfação adequada das necessidades dos seus moradores. São em geral incondizentes com as exigências da natureza humana e das condições de trabalho. Funcionam destituídas de conforto e higiene. São muito vulneráveis aos

gases tóxicos emanados do Lixão e relativamente distanciados dos equipamentos comunitários indispensáveis para a satisfação dos anseios básicos dos trabalhadores e de suas famílias.

Contudo, após diversas formas de pressão exercidas por tais segmentos sociais perante as autoridades do poder executivo municipal, este, através da Secretaria do Trabalho e Promoção Social, fez em 24 de Dezembro de 1996, a remoção de cento e trinta e duas famílias que moravam dentro do próprio depósito do Lixão, assegurando equivalente quantidade de unidades habitacionais para cada uma nos pequenos apartamentos que formam o Condomínio Esperança, localizado na Av. Tancredo Neves.

O propalado Programa É Pra Morar, vinculado a esta instituição referida, não conseguiu, nos parece, atingir seus mais relevantes objetivos pelas seguintes razões: não fez a retirada global das famílias que residiam dentro do depósito do Lixão; deixou de garantir (quando foi possível) moradia para catadores com mais de trinta anos desenvolvendo a atividade de catação nesta localidade, conforme denúncias apuradas e comprovadas em entrevista, por este pesquisador; não criou os necessários mecanismos complementares para que os catadores pudessem efetivar a conservação e manutenção dos seus imóveis, despojados inclusive de "acabamento".

A consequência visível deste processo integral de garantia de moradia para apenas uma parcela de famílias, divorciada da promoção de melhores condições de trabalho e renda, fez com que dezenas de famílias "optassem" por vender a preços irrisórios seus apartamentos e retornassem à Favela do "S", sem manifestação de nenhuma forma de arrependimento, ali reinstalando-se.

3.4 - Organização e Condições de Trabalho

A pesquisa nos revelou que a organização do trabalho caracteriza-se pela existência de várias etapas, as quais são interdependentes: a primeira é a coleta dos resíduos recicláveis "optados" diferentemente pelos catadores que chegam a promover constantes "disputas" pelos mesmos no ambiente de trabalho (plástico fino, plástico duro, papelão, papel, metais, entre outros); a segunda constitui-se no transporte destes produtos, geralmente realizados em sacos de nylon encontrados no próprio ambiente de trabalho que são colocados na cabeça ou ombros do trabalhador exigindo grande esforço psicomotor de todos; a terceira diz respeito à alocação de produtos ou materiais coletados e transportados até às "cabanas", "pontos", "cercados", "barracas" ou "baias" pertencentes a cada catador ou grupo de catadores dentro das dependências do Lixão, objetivando uma maior conservação e segurança dos mesmos; a quarta compreende a separação dos tipos de produtos coletados e o ensacamento dos referidos; e a quinta etapa corresponde a um novo transporte dos produtos até os diferentes locais onde estão situados dentro do Lixão os grandes automóveis (caminhões / carretas / caçambas) de propriedade dos atravessadores/ compradores, bem como suas balanças, onde é verificado o peso de cada saco de material coletado que é comercializado.

No quadro a seguir evidenciamos a relação dos principais materiais vendidos pelos catadores aos atravessadores/compradores, nesta localidade e os respectivos preços por quilograma que continuam na atualidade ainda vigentes:

QUADRO 3.4 - PREÇOS DE VENDA DE MATERIAIS PAGOS PELOS ATRAVESSADORES

Denominação do Produto	Especificações	Quantidade	Valor
Cobre	Fio queimado	1 kilo	R\$ 1,50
Alumínio	Latas, panelas	1 kilo	R\$ 1,00
Metais de torneira		1 kilo	R\$ 1,00
Vidro	Garrafas	quatro	R\$ 0,10
Latas	Cervejas	1 kilo	R\$ 1,00
Plástico		1 kilo	R\$ 0,10
Papel	Branco	1 kilo	R\$ 0,10
Papelão		1 kilo	R\$ 0,05
Melissa	Borracha (solados de sapatos e sandálias)	1 kilo	R\$ 0,20

FONTE: Pesquisa de Campo

Observando o quadro demonstrativo acima, percebe-se que o cobre, o alumínio e os metais são os produtos mais valorizados. Isto porque eles apresentam uma maior cotação no mercado e são estratégicos para as indústria de reciclagem de Pernambuco, Rio Grande do Norte e Ceará, suas grandes compradoras, através dos atravessadores que atuam no Lixão.

Um outro produto que é coletado e derivado das "podas" de árvores e entulhos coletados pela EMLUR e despejados no referido depósito é a lenha, objeto reaproveitado por uma parcela mínima exclusiva de catadores e também vendido aos atravessadores. Cada metro de lenha é vendida por três reais.

Vê-se portanto que a organização do trabalho efetuado pelos catadores mesmo dentro de um contexto informal (não são regulados pelas diretrizes institucionais do mercado formal de trabalho, portanto não possuem carteira de trabalho assinada nem contratos de trabalhadores autônomos registrados no Instituto Nacional de Seguridade Social) permite a estes apenas venderem o produto resultante do seu trabalho a preços vis.

A organização do trabalho desenvolvida pelos catadores, portanto, possui um envolvimento com o sistema produtivo e o movimento de capital, não estando isolado da totalidade das relações sociais, pois enquanto estes têm sua condição de subalternidade ampliada continuamente, atravessadores/compradores e industriais podem cada vez mais fazer acumulação de renda/riqueza. Esta forma de organização do trabalho marcada pela dominação e exploração destes últimos, sobre os primeiros citados, faculta a manutenção das disparidades econômicas e sociais entre ambos.

A catação de lixo dentro do Lixão é uma forma precária de disfarce frente ao desemprego vivenciado duradouramente por centenas de trabalhadores. Apesar de sua notória relevância sócio-econômica-ambiental principalmente para a capital paraibana, não consegue assegurar à maioria dos mesmos uma renda mínima mensal de um salário mínimo, forçando-os até a incorporarem indivíduos menores de quatorze anos, integrantes da sua unidade familiar à esta atividade, em geral desenvolvida com a utilização de meios limitados (ganhos, facas, facões, foices, sacos de nylon, barbantes, "facheiros").

Ressaltamos ainda que, a imensa maioria, ao desenvolver suas tarefas e atividades no ambiente mencionado, não utiliza os necessários instrumentos/equipamentos de proteção que favoreçam a isenção dos riscos de acidentes e doenças no trabalho (luvas, botas, capacetes, óculos, capas plásticas, etc.)

As condições de trabalho experienciadas pelos catadores são componentes indissociáveis do ambiente físico, químico, biológico e social característicos dos lixões (local de trabalho perigoso ou insalubre) no qual o Lixão de João Pessoa está inserido. Tais segmentos sociais trabalham em ambiente físico onde são despejados à céu aberto de acordo com a EMLUR "21.000 toneladas de lixo por mês, sendo 14.200 destas resíduos domiciliares" (EMLUR, 2000). Ali ficam expostos a temperaturas oscilantes, barulhos resultantes do tráfego intenso de veículos coletores do lixo da cidade, que vão efetivar neste ambiente, a destinação final do mesmo, além da circulação eventual de máquinas pesadas e promotoras de poluição sonora e fortes vibrações (tratores, enchedeiras entre outras). Realizam a atividade de catação durante inclusive o período noturno em toda a extensão do depósito, submetido a má iluminação, deixando-os mais vulneráveis a diversas formas de irradiação.

Por sua vez, o ambiente químico desfavorece o desenvolvimento da atividade citada, pois os catadores manipulam direta ou indiretamente produtos como baterias de automóveis, celulares (eventualmente) e ferro velho. Manuseiam com regularidade metais velhos e enferrujados, latas com resto de tintas, cola, solventes tóxicos, venenos e inseticidas. Contatam com materiais explosivos ou inflamáveis, principalmente com grande quantidade de pneus (os quais são geralmente queimados durante o período noturno de trabalho, cumprindo para os trabalhadores funções essenciais: aquecimento dos locais próximos às "barracas", "pontos", "cabanas"; melhoria do nível de iluminação do local de trabalho; diminuição das despesas com

pilhas utilizadas nos "facheiros"; aproveitamento dos metais contidos nos pneus, após seus processos de combustão).

Nestas condições, os catadores, como sobrevivem em contato direto com os resíduos, estão permanentemente sujeitos a acidentes com cacos de vidro, pregos, latas abertas ou enferrujadas, seringas descartáveis derivadas do despejo e aterro descriterioso do lixo hospitalar e frascos de aerossóis que inúmeras vezes pegam fogo e explodem.

Já o ambiente biológico caracteriza-se por dois processos distintos de decomposição ou degradação dos resíduos sólidos, conforme nos revelam (RODRIGUES E VILMA, 1997:29-30)

Quando os resíduos estão expostos ao ar livre, a decomposição é feita por micróbios, chamados aeróbios, isto é, que vivem na presença de oxigênio que está na atmosfera. Mas se o lixo estiver muito amassado ou enterrado, a degradação passa a ser realizada por seres anaeróbios, aqueles que se desenvolvem sem oxigênio. A decomposição anaeróbia termina resultando na produção de gás carbônico . . . No processo anaeróbio, a fermentação dos compostos orgânicos gera diversos subprodutos ainda não totalmente degradados. Entre estes destacam-se os gases, como o metano, o gás sulfídrico. A decomposição anaeróbia produz um líquido escuro denominado chorume, bastante poluente.

Esta decomposição ou degradação biológica dos resíduos sólidos ganha contornos de abrangente visibilidade no âmbito do Lixão de João Pessoa (onde parcela do lixo despejado foi muito bem amassado ou compactado com a conseqüente desativação da área para novos depósitos de resíduos sólidos), enquanto na maior extensão do depósito evidenciado os resíduos permanecem expostos ao ar livre.

Como neste ambiente circulam e permanecem livremente todos os dias grande quantidade de cavalos, vacas, bois, bezerros, cachorros e acima de tudo porcos, os trabalhadores ficam vulneráveis a abrigarem em seus organismos os chamados micróbios ou germes patogênicos. Há ainda ali uma elevadíssima quantidade de moscas, baratas, insetos, mosquitos e ratos que são em potencial microvetores de doenças. O Lixão oferece, produz e reproduz biologicamente todas as condições para a ampliação dos mesmos, afetando não apenas o catador, mas o conjunto dos membros de sua unidade familiar.

O trabalho realizado globalmente pelos catadores constitui-se em atividade perigosa ou insalubre reforçado pela ausência absoluta de higiene e segurança dentro do citado ambiente.

Não há água disponibilizada pelo governo estadual ou municipal; falta energia elétrica nas dependências internas do depósito do Lixão e neste, qualquer pessoa, sem necessidade de nenhum processo de identificação pode entrar e sair quando bem almejar, seja pela manhã, durante o período da tarde ou noturno. O critério adotado é não ter critério algum neste aspecto.

Quanto ao ambiente social predomina o grande consumo de álcool, a gravidez precoce de inúmeras adolescentes, o consumo de drogas ilícitas por uma minoria de jovens, a disputa acirrada pela conquista do "melhor lixo" entre parcelas significativas de trabalhadores, a aprovação/desaprovação por parte de inúmeros catadores do sexo masculino em relação a equivalente trabalho realizado por mulheres e crianças.

De modo geral, ao experienciarem no cotidiano estas condições de trabalho insatisfatórias, o conjunto destes segmentos sociais ficam de forma acentuada expostos a doenças como febre, inflamações nas mãos e pés, diarreia, doenças respiratórias, micoses e dermatoses alérgicas, pneumonia, tuberculose, leptospirose, irritações no aparelho ocular e

auditivo, tétano, entre outros de não menos nocividade, que transformaram muitos, já em vítimas, devido ao contato direto destes, com o lixo. O Lixão, pois, degrada, degenera não apenas o corpo mas a vida psíquica dos trabalhadores que dele dependem para sobreviver.

Neste sentido DEJOURS (1992: 66-67) no seu importante estudo de psicopatologia do trabalho diz:

Se a relação corpo – condições de trabalho muitas vezes é estudada corretamente, ao contrário, nunca se faz menção das repercussões do real a nível mental, da carga (de trabalho) psíquica inerente ao trabalho perigoso que, entretanto, faz parte do desgaste do organismo astreinte. O medo relativo ao risco pode ficar sensivelmente amplificado pelo desconhecimento dos limites deste risco ou pela ignorância dos métodos de prevenção eficazes. Além de ser um coeficiente de multiplicação do medo, a ignorância aumenta também o custo mental ou psíquico do trabalho.

Constata-se a partir destas concepções que o trabalho perigoso ou insalubre conduz o trabalhador tanto a um profundo desgaste físico, como, principalmente mental causando-lhe ansiedade, tensões, medo, dificuldade de administrar os riscos de acidentes inerentes ao seu próprio trabalho, principalmente, quando não possui uma percepção nítida dos mesmos. Estes componentes se fazem presentes de modo concreto no cotidiano também dos catadores fazendo com que inúmeros sejam tristes, desconfiados, amedrontados, nervosos, ansiosos, pouco sociáveis devido à subordinação ao autoritarismo permeador do seu universo de trabalho, produtor de máximo sofrimento e restritas oportunidades de prazer.

3.5 - As Relações de Trabalho

As relações de trabalho no âmbito do Lixão expressam-se como relações econômicas (de venda do produto do trabalho dos catadores aos atravessadores/compradores), formatadas por características singulares devido ao modo como se edificam e se reproduzem através de conteúdos políticos e ideológicos.

A concepção dominante no contexto das relações de trabalho que envolve estes segmentos sociais constitui mecanismo propiciador da integração, organização e fortalecimento dos atravessadores/compradores, expoentes máximos atuantes de representação dos interesses das classes dominantes, dentro e fora das dependências do Lixão. Por isto mesmo dominam, exploram, exercitam cotidianamente a hegemonia sobre esta fração das classes subalternas que são os catadores.

De acordo com Gramsci textualmente citado por GRUPPI (1978:70):

A hegemonia é isso: capacidade de unificar através da ideologia e de conservar um bloco social que não é homogêneo, mas sim, marcado por profundas contradições de classe. Uma classe é hegemônica, dirigente e dominante, até o momento em que – através de sua ação política, ideológica, cultural – consegue manter articulado um grupo de forças heterogêneas, consegue impedir que o contraste existente entre tais forças exploda, provocando assim uma crise na ideologia dominante, que leve a recusa de tal ideologia, fato que irá coincidir com a crise política das forças no poder

Partindo desta concepção, podemos dizer que o exercício de hegemonia dos atravessadores/compradores sobre os catadores, respaldado pelos funcionários públicos da Prefeitura Municipal de João Pessoa, vinculados a EMLUR e à SETRAPS, é sedimentado

através do domínio da ideologia vista como "[u]ma concepção de mundo que se manifesta implicitamente na arte, no direito, na atividade econômica, em todas as manifestações da vida individual e coletiva" (Gramsci 1978:25). Os agentes econômicos, políticos e ideológicos atuantes dentro do Lixão representantes dos interesses da classe dominante, pois, são atravessadores/compradores e funcionários da Prefeitura Municipal de João Pessoa, garantindo o consenso às forças dominantes por meio da persuasão e da educação.

A participação ativa permanente, principalmente dos atravessadores/compradores dentro e fora das dependências do Lixão, tem contribuído para a promoção de violações dos direitos humanos e sociais dos catadores, as quais nomeamos com clareza:

- comunicação a nenhum catador do preço de cada produto;
- manutenção por longos e duradouros períodos de preços definidos para os produtos recicláveis;
- priorização valorativa de um ou mais produtos que devem obrigatoriamente ser coletados em detrimento de outro;
- a variação de preços que ocorre em função do material e do valor de compra definido pelas fábricas;
- expropriação de produtos, antes de estes muitas vezes serem pesados nas balanças oficiais controladas pela EMLUR localizadas na entrada do depósito do Lixão; exemplo desta prática é a retirada de dezenas de sacos de alumínio, cobre, ferro que raramente chegam ao interior desta localidade, realizado por funcionários públicos municipais da EMLUR com o apoio dos atravessadores/compradores;

- criação de hostilidades, diversas formas de autoritarismo contra qualquer indivíduo ou grupo de indivíduos que pretensamente almeje também atuar no Lixão na condição de atravessador/comprador;
- estabelecimento de contrato, puramente verbal, entre o atravessador e o catador, que funciona como um atestado de subordinação deste último em relação ao primeiro;
- proibição para o conjunto dos catadores, de coletarem, transportarem ou venderem produtos fora das dependências desta localidade.

Estes atravessadores/compradores, ligados aos interesses econômicos de grandes fábricas e aos interesses político/ideológicos de várias representações do poder executivo municipal local, atuam como se fossem os donos do Lixão e tentativas claras que possam representar contraposição a sua hegemonia ali dentro pode resultar em repressão, formas disfarçadas e abertas de ameaças e até a morte dos seus adversários ou concorrentes.

Casos ilustrativos desta supremacia ocorreram em Julho de 1999 e Março 2000 quando dois compradores de materiais recicláveis adentraram nas dependências da localidade citada, propondo aos catadores pagar um melhor preço pelos produtos que fossem coletados.

A resposta dos atravessadores/compradores, principalmente os mais antigos, foi associarem-se de modo rápido e informal e darem uma grande surra nos dois desavisados, novos candidatos a explorador dos catadores, quebrando-lhes inclusive os seus meios de transporte e fazendo instauração de ameaças de morte para os mesmos em ambas ocasiões.

Vê-se que os atravessadores interferem na organização do trabalho dos catadores. Exercem supremacia sobre estes. E não desprezam enquanto dominadores/dirigentes sua

própria capacidade de organização construída a partir de interesse econômico, político e cultural comum, não se isentando de utilizarem a violência sem disfarces, para solidificá-la.

As relações de trabalho estabelecidas entre estes atravessadores que atuam diretamente dentro das dependências do Lixão, com os catadores, conforme já foram evidenciadas em nossa pesquisa e análise são plasmadas pela exploração e opressão dos primeiros sobre estes últimos.

A organização e condições de trabalho precarizada experienciada pelos catadores no cotidiano permitem que o resultado do trabalho pelos mesmos desenvolvido seja amplamente apropriado por um elenco de oito atravessadores "que atuam dentro das dependências do Lixão, fazendo a compra a preço vil do vidro, ferro, cobre, plástico, papelão, papel, alumínio, borracha, entre outros materiais. Após a consolidação da aquisição destes materiais coletados pelos catadores na mencionada localização, este grupo de oito atravessadores revende os produtos para três atravessadores que de maneira permanente mantém quatro grandes depósitos fora das dependências do Lixão, mas muito próximos a eles. A cadeia de comercialização na sua segunda fase envolve portanto atravessadores que atuam apenas dentro do Lixão e três atravessadores mais capitalizados que somente atuam na "boca" do aludido depósito de lixo.

Os três depósitos situados na "boca" do Lixão recebem as seguintes denominações:

- Depósito de Edgar Rabujo (compradores de produtos em geral)
- Depósito de Severo (comprador de ferro, alumínio e vidro)
- Depósito de Eduardo (comprador de produtos em geral)

Estes por sua vez, munidos de significativo volume de recursos financeiros e materiais, revendem os materiais às fábricas Aço Norte de Recife, Ponza de Cerâmica, Pneus e Papelão de Goiana, Pernambuco, Polyútil de João Pessoa, entregando-os diretamente a elas.

Acompanhando a rotina de trabalho também destes trabalhadores/atravessadores, foi possível constatar que o processo de comercialização dos produtos entre eles é permeado por uma atmosfera de cordialidade, troca de "gentilezas", renovação contínua de pactos de compromisso e alianças, o que se configura numa antítese de suas relações de trabalho com os catadores.

Enquanto ocorre a concentração e centralização crescente dos capitais em mãos dos atravessadores e empresários, decorrente principalmente da compra dos resultados do trabalho dos catadores, estes continuamente são empobrecidos.

Alguns atravessadores, devido às facilidades para acumular e reproduzir o capital nos últimos dois anos, passaram a promover contratação de auxiliares, ajudantes ou assessores para desenvolver dentro do Lixão atividades, tais como:

- pesagem dos produtos coletados pelos catadores;
- fiscalização das pessoas estranhas ao ambiente de trabalho;
- supervisão do acondicionamento dos sacos de produtos coletados nos automóveis do "chefe" (atravessador);
- fornecimento de informações ao "chefe" de quaisquer acontecimentos importantes, inusitados ou "diferentes";
- condução de automóveis do "chefe";
- pagamento eventual aos catadores;
- entrega dos produtos ao proprietários dos depósitos na "boca" do Lixão.

Com isto, vários atravessadores conquistaram de maneira periódica o privilégio de não freqüentar diariamente o Lixão, isentando-se das exposições mais freqüentes às doenças, riscos de acidentes e conflitos eventuais com os catadores.

Há atravessadores atuantes neste ambiente de trabalho obtendo uma margem cotidiana de lucro superior a 100%. Mesmo assim, alguns (ou seus assessores), não raro, costumam fraudar os catadores na hora da pesagem dos produtos (sobretudo as crianças e mulheres).

Ratificando nossa abordagem sobre as relações de trabalho envolvendo atravessadores e catadores, reproduzimos os depoimentos dos parceiros e aliados dos catadores fornecidos através de entrevistas abertas:

São exploradores da miséria alheia, haja vista que oferecem preços aviltantes para os produtos ali coletados, e que, por deterem a informação e o meio de transporte, subjagam toda aquela população.

PAULA FRASSINETE – Presidente da APAN

A julgar pelos carros que possuem, a situação dos atravessadores é ótima. Compram barato e vendem sem nenhum pudor. Exploram descaradamente os catadores.

HAMURABI DUARTE DE CARVALHO – Ex-presidente da CUT na Paraíba

Exploram os trabalhadores, lhes pagando um valor muito baixo pelo material. Acho que a Prefeitura não devia aceitar sua permanência dentro do Lixão.

Luciene Ferreira da Silva, assessora da CARITAS ARQUIDIOCESANA DA
PARAÍBA

Tem uma longa história de exploração dos catadores. Quando os catadores começaram se organizar, eles reagiram juntos, baixando seus preços e modo de pagamento.

DAVID JOHN KANE dos MISSIONÁRIOS DE MARYKNOLL

Atualmente não sei como funciona. Sei que no início, isto é, quando comecei andar por lá, havia a dificuldade por causa do baixo preço oferecido aos catadores pelos kilos de objetos colhidos.

Irmã Veneranda da Comunidade Virgem dos Pobres – Escola Virgem dos Pobres

Os depoimentos destes parceiros e aliados dos catadores não é retórica racionalizadora para justificar interesses dos mais poderosos sobre os mais fracos. Pelo contrário, são reveladores de que os dominadores/exploradores forjam e desenvolvem tanto a dominação como a exploração, como expressão do poder/saber que desfrutam e reavivam sem nenhuma ética sobre os catadores aprofundando as privações materiais destes, e paralelamente imputando-lhes a responsabilidade por sua condição de pobres, miseráveis que sobrevivem do lixo, conforme inclusive pudemos registrar durante o transcurso de nossa pesquisa, através de declarações de atravessadores como, por exemplo:

Eu não vou pagar o que você quer por este quilo de alumínio. Só pago mesmo um real e pronto! Afinal, homem, você quer ganhar muito dinheiro sem ser doutor? Você não estudou . . . se conforme com o que você tá levando, porque tá de bom tamanho.

É muito engraçado este pessoal do Lixão. Querem ganhar bem sem terem se esforçado na vida. Estes lascados não estudaram. Não querem estudar coisa alguma, ficam enchendo a cara de cachaça o tempo todo e ainda reclamam. Isto me deixa arretado da vida. O que você acha que eles podem fazer além de catar lixo aqui, professor? Se este Lixão acabar quase todos daqui vão morrer feito peixe fora d'água.

Você é catador de lixo porque não deu prá outra coisa não. Agora sustente o tombo e trabalhe. Trabalhe mesmo porque não estou aqui para dá carne a gato não. Pró quem é analfabeto. Isto aqui tá bom demais. Se você tivesse lá no seu cafundó do Judas vivendo do roçado a coisa era bem pior.

3.6 - A Sobrevivência Vista pelos Próprios Catadores

Assimilando este discurso, inúmeros catadores chamam para si a responsabilidade pela situação de miséria e catação de lixo nas quais estão envolvidos, e passam a procurar em suas histórias de vida justificativas para as mesmas, considerando-se com estudo insuficiente, detentores de nenhuma ou pouca sorte, despojados dos necessários documentos para arranjar um emprego certo, sem preparo técnico ou habilidade específica, com idade avançada, entre outras.

Segundo Chauí (1982:21):

Nesse contexto, é possível perceber qual o trabalho específico do discurso ideológico: realizar a lógica do poder fazendo com que as divisões e as diferenças apareçam como simples diversidade das condições de vida de cada um.

O aprimoramento intelectual informal/formal dos catadores conforme é possível constatar no conjunto dos seus depoimentos contidos neste trabalho, em vários momentos, é importante e fundamental. Todavia tal fato não constitui por si só um indicativo ou alternativa para erradicar a profunda exclusão social que os envolve. Com seu discurso sonegador da estratificação social neste país os atravessadores revelam possuir não apenas capital, mas significativo poder intelectual reforçador da dominação dos catadores que sofrem duplamente: uma vez pelas restrições materiais e outra por colocarem-se como protagonistas do seus próprios fracassos.

Argumentando sobre a "marginalização impiedosa" e passiva do número imenso, e constantemente ampliado, de "solicitantes de emprego", os excluídos do trabalho, FORRESTER (1997:11/12) escreve:

São levados a se considerar indignos da sociedade, e sobretudo responsáveis pela sua própria situação, que julgam degradante (já que degradada) e até censurável. Eles se acusam daquilo de que são vítimas. Julgam-se com o olhar daqueles que os julgam, olhar esse que adotam, que os vê como culpados, e que os faz em seguida, perguntar que incapacidade, que aptidão para o fracasso, que má vontade, que erros puderam levá-los a essa situação.

Quanto mais inúmeros catadores vão incorporando em suas vidas o discurso dos seus exploradores/opressores, tanto mais amplo é seu nível de destituição implicando na perda da autonomia de autoconstrução do seu espaço na sociedade, enquanto trabalhadores.

De acordo com CARVALHO (1986:39):

Especificando a análise da ação da ideologia dominante no modo de produção capitalista, Gramsci delimita a eficácia da ideologia no processo de dominação no sentido de manter a passividade dos dominados, na medida em que a massa dominada absorve o pensamento dominante que lhe é imposto de diferentes meios, dando-se o divórcio entre a vida e o pensamento dos dominados, o que impede a organização das massas como força efetiva de enfrentamento da classe dominante. E configura bem essa função ideológica no processo de dominação de classe quando, analisando a posição das massas no interior do modo de produção capitalista, afirma:

“O homem ativo de massa atua praticamente, mas não tem uma clara consciência teórica desta sua ação (. . .) É quase possível dizer que ele tem duas consciências teóricas (ou uma consciência contraditória): uma, implícita na sua ação, e que realmente o une a todos os seus colaboradores na transformação prática da realidade, e de outra, superficialmente explícita ou verbal, que ele perdeu do passado e acolheu sem crítica. Todavia esta concepção verbal não é inconseqüente: ela liga a um grupo social determinado, influi sobre a conduta moral, sobre a direção da vontade de uma maneira mais ou menos intensa, que pode inclusive atingir um ponto no qual a contrariedade da consciência não permita nenhuma ação, nenhuma escolha e produza um estado de passividade moral e política”.⁶

Neste sentido, a ideologia manifestada pelos atravessadores os mantém cada vez mais fortes e coesos, enquanto os catadores são crescentemente empobrecidos e submetidos ao

conformismo que dificulta sobremaneira seu nível de organização e análise crítica de seus determinantes históricos/sociais. A ideologia dominante, pois, priva os catadores de conquistarem um maior grau de consciência de si mesmos, ao mesmo tempo que sedimenta a contradição fundamental do modo de produção capitalista – contradição capital/trabalho.

A catação de lixo e as relações que esta possibilita não é permeada apenas pela jornada exaustiva de trabalho, "compensações" financeiras simbólicas compensações financeiras vis, riscos reais de acidentes e doenças, conflitos em torno da disputa do lixo, consumo elevado de álcool, "acomodação" e passividade de inúmeros catadores, entre outros aspectos já mostrados neste trabalho. Entre eles habitam oportunidades de esperança de poderem encontrar locais e atividades mais promissoras de trabalho e renda. Vários, inclusive, acalentam o sonho de tornarem-se garis da EMLUR, o que lhes possibilitaria converterem-se em servidores públicos da Prefeitura Municipal de João Pessoa. Já outros acreditam que ainda vão encontrar "coisas valiosas" dentro do ambiente de trabalho, onde estão inseridos; que a ASTRAMARE (Associação dos Trabalhadores de Material Reciclável) vai gerar a união deles e fazê-los fortes.

Há portanto em meio à nocividade, negatividade, promiscuidade inerente à atividade de catação de lixo no Lixão da capital paraibana, espaço para a elaboração e vivência do sonho, da crença, da positividade, da luta produzido por estes próprios atores sociais.

Para ilustrar nossa afirmação registramos aqui alguns dos depoimentos prestados pelos citados, durante a aplicação dos formulários de pesquisa (entrevista aberta):

- Francisco Tomás de Assis Brito, 16 anos - *Gostaria de trabalhar mais com a carteira assinada e eles pagando bem e direito a nós. Dentro do Lixão todo*

mundo respeita todo mundo. Quando alguém arranja alguma coisa divide. Os catadores precisam se unir para comparecer mais à Prefeitura Municipal de João Pessoa. Quase tudo que tenho arranjei no Lixão.

- João Firmino Farias Lacerda, 19 anos - *Pra mim ser catador é bom. É uma amizade, um divertimento, já que não existe outro emprego. Queria todos os materiais de proteção para trabalhar e que tirassem as crianças do Lixão. Precisamos organizar mais as coisas. Tentar falar novamente com o Prefeito e o Governador.*

- Laurentino Gomes Pereira, 27 anos - *A união no Lixão existe. Trabalhamos sem brigas, sem discussões. Ajudamos uns aos outros no próprio trabalho. Todos se sentindo iguais e tendo mais reuniões vamos ter mais força e organização, ganhando mais dinheiro. A associação deve virar uma cooperativa pois precisamos dos galpões, lutar por melhores preços . . . arranjar bons compradores para ao materiais que catamos. E ainda este trabalho é uma escola, aprendo muito por aqui.*

E acrescentamos outros que foram registrados em nossos apontamentos iniciais referentes ao período compreendido entre Maio de 1999 a Março de 2000, procurando manter a fidelidade à sua fala, ao seu modo de narrarem suas experiências. São anotações retiradas de nosso diário de campo, dos diversos momentos compartilhados com os catadores no acompanhamento de suas tarefas e atividades dentro do Lixão, nos encontros dos catadores

com as representações da CUT, CARITAS, APAN, MARYKNOLL, VIRGEM DOS POBRES, nas abordagens individuais, nos encontros de formação política, nos contatos com os atravessadores/compradores, na produção do documentário cinematográfico sobre a vida dos catadores, no acompanhamento destes a reuniões no Mestrado em Educação, Conselho Estadual de Defesa dos Direitos Humanos, Encontro Estadual dos Movimentos Sociais, nas reuniões para a organização da ASTRAMARE e das manifestações de pressão ao Poder Executivo Municipal, nas visitas informais realizadas às lideranças da ASTRAMARE, no acompanhamento dos mesmo aos órgãos de imprensa locais. Vejamos:

- *Não acho o Lixão um local feio não. Aqui tenho o pão de cada dia sem precisar depender de ninguém. Sustento meus meninos com que tiro daqui. Os trocadinho vão se juntando e dá prá fazer a feira, comprar umas roupinhas, pagar o aluguel, comprar comida e até alguns livros pra eles. Se eu fosse empregada das casas, não ganhava o que ganho aqui. Eu acho que se o Prefeito fizer o que tá prometendo, vai chegar nossa vez. As coisas vão melhorar.*
- *No início fiquei muito aperrriada tinha medo de tudo . . . os bichos, as fumaças, os homens cheio de biritas . . . de levar furadas, me contaminar. Com o passar dos dias fui vendo que isto aqui não é bicho de sete cabeça. É só trabalhar, trabalhar que a gente consegue sobreviver, arranjar o dinheiro que é preciso para tocar o barco. Lá fora não arranjo um emprego pra ganhar mais. Aqui tenho minhas colegas. É tudo amiga mesmo.*
- *Eu chego no Lixão na hora que quero e só saio quando também quero. Cato os materiais, faço tudo que tem de ser feito e levo dinheiro quase todos os dias pra casa junto com meu*

marido e os meninos. Recebi convite para lavar umas roupas de uma madame lá da praias de Manaíra mas não quero. Não tem futuro algum este serviço. Acho melhor meu serviço.

- O Lixão não dá azar pra ninguém. De vez em quando alguém acha coisas boas aqui, teve um este ano, que jogou uns trocados na loto e ganhou. E não me importo se aí fora vão olhar de lado . . . eu não roubo, não tô furtando. Sou um trabalhador dos bons. Trabalho, trabalho, ganho meu dinheiro. Faço minhas amizades e pronto. Se ajeitarem isto aqui um pouco mais, tudo vai dar certo.
- Olha! Quem quer trabalhar, trabalha mesmo e muito. Quem quer namorar, transar, beber aqui dentro, faz isto . . . ninguém se importa. É tudo normal. Cada um aqui faz da sua vida o que quiser. Só não pode pegar os troços dos outros, porque aí é briga certa que pode acabar até em morte como aconteceu com "CARRINHO". É noite como você está vendo, e tudo aqui tá em paz. Gosto mais de trabalhar de noite. Tem mais vento e menos gente trabalhando. O apurado no outro dia é sempre melhor. Muita gente reclama aqui as vezes de barriga cheia. Se tirarem os meninos e os bichos aqui de dentro e não continuar chegando mais gente pra catar dá prá todos daqui viver mais ou menos.
- Nós queremos apenas trabalhar e ser feliz, aqui dentro não tem Deus nem Diabos. Só nós que trabalha e quer viver bem.
- Trabalho aqui, mas se conseguir arrumar coisa melhor, eu largo o Lixão. Todo mundo é assim . . . quer sua melhora. Com nós não é diferente. Se agente puder ganhar mais dinheiro em outro local, é claro que vamos querer e fazer tudo para dar certo neste novo serviço. Tenho fé que vou conseguir uma coisa melhor pra mim e minha família. O que não adianta é ficar parado em casa de "papo" pro ar, coçando a barriga.

□ *Aqui temos nossos aliados . . . A casa Virgem dos Pobres que nos dá alimentos. O missionário David Kane que faz sempre o transporte de muitos catadores para os hospitais quando ocorre acidentes e nos dá remédios. Já fez isto várias vezes. Você como professor e a Caritas. Que eu saiba a ajuda vem daqui. . .*

Verifica-se que parcela dos catadores mesmo desenvolvendo grandes esforços para sobreviver na imundície do Lixão, encontram "vantagens ou benefícios" para aí permanecerem, alimentando sonhos, crenças, esperanças, perspectivas de dias melhores para si e respectiva família. É a cultura do lixo, a cultura da resistência. De ser destituído de condições de trabalho e renda, e outros fundamentais acessos a bens e serviços produzidos pelo capitalismo dependente, mas cultivar com firmeza possibilidades de um porvir ancorado na dignidade.

Os catadores em geral se satisfazem com as conquistas pequenas que "aos trancos e barrancos" efetivam: o apartamento que por "sorte" tiveram acesso no Condomínio Esperança, uma bolsa escola que é facultada para um dos seus filhos, bolsas de alimentos que lhes são entregues circunstancialmente por alunos da classe média local, produtos "importantes" que acham no próprio ambiente de trabalho (roupas, sapatos, utensílios domésticos, brinquedos), camisetas e bonés que são largamente distribuídos com eles pelos candidatos dos partidos políticos conservadores, acesso a "sopões" que lhes são assegurados durante o período noturno por entidades religiosas, a compra de uma geladeira ou televisão, o trocado que muitos conseguem ter todos os dias no bolso, as carteiras de trabalho e as fotografias que para muitos foi ofertada pelo Programa Cidadania do Governo Estadual, o muro contornando o depósito do Lixão, construído neste ano, a viagem possível de ser feita durante o período natalino para sua

terra natal, uma vaga para o filho na creche ou em uma das escolas administradas pela Prefeitura Municipal de João Pessoa. Amparadas nestas e outras motivações de equivalente conteúdo e simbologia, configuram tais "conquistas" como muito boas, indicativas de que a vida melhorou bastante e vai melhorar muito mais em futuro breve.

Contudo, resta-nos afirmar que, embora estes "benefícios" possam lhes facultar "razoáveis" mudanças no seu nível de existência, inúmeros não desprezam nem se omitem de participar de sua associação (ASTRAMARE) engrossando as fileiras das manifestações de protesto contra o poder executivo Municipal, pugnando por uma mais abrangente e permanente união e luta na defesa dos seus direitos, violados pelas representações deste poder. E o fazem, mesmo a maioria não sabendo ler e escrever, demonstrando um certo grau de maturidade e capacidade de criação intelectual e prática.

O Lixão configura-se como espaço de vivência não apenas de conformismo, mas também de resistência.

Tem razão pois SIQUEIRA e FILHO (1997: 80/81) quando afirmam:

Vários fatores apoiam a concepção de que, mesmo tendo que viver e trabalhar num contexto estranho ou alienado, os grupos sociais são capazes de transforma-lo segundo seu prisma. De fato, freqüentemente tais grupos dispõem de informações, senão reduzidas, pelo menos diferentes a respeito de seu ambiente, ocupam posições objetivas ou antagônicas no sistema social, além de terem procedidos de universos culturais, com estilos intelectuais e organizacionais distintos dos que lhes são requeridos em seus contextos de vida e trabalho. Por vezes, esse processo de transformação no nível da auto-representação e da ação social pode redundar em oposição.

3.7 - O Trabalho das Mulheres e Atitudes a seu Respeito

As mulheres representam uma minoria de peso da população trabalhadora do Lixão e, a exemplo da grande maioria dos homens, possuem um nível de escolaridade precário, sendo ainda responsáveis integralmente pelos afazeres domésticos e o trato com os filhos tanto na Favela do "S" como no Condomínio Esperança, localizações majoritárias das moradias dos catadores que residem na capital paraibana.

Trabalhando nas dependências do Lixão com objetos e metas equivalentes aos perseguidos pelos homens, há meninas menores de doze anos, adolescentes, adultas e até idosas, desenvolvendo o processo de catação. Inúmeras são as próprias chefes da unidade familiar.

Quando casadas, são "incumbidas" de coletarem não apenas materiais recicláveis de interesse das fábricas, bem como, aquelas possíveis de reaproveitamento por sua própria família (calçados, roupas, alimentos, utensílios domésticos em geral).

Neste ambiente de trabalho, conforme pudemos acompanhar e registrar, não existe nenhuma tarefa ou atividade materializada pelos homens que as mulheres também não realizem.

A outra diferença relevante ainda reside no feito de elas manifestarem maior atenção e preocupação em relação ao trabalho empreendido pelas crianças, sejam as referidas pertencentes a sua unidade familiar ou não.

Interessante e de real significado é o fato de podermos encontrar algumas destas trabalhadoras neste universo de trabalho, retocando suas faces e lábios com produtos encontrados no próprio Lixão, numa demonstração de que em estética o trágico não ofusca o

belo. Parece-nos que revelam com esta prática a incapacidade do ambiente de trabalho perigoso e insalubre em extirpar totalmente fantasias, sensualidade, sonhos e o prazer explicitado de mantê-las femininas.

Como seus companheiros, parceiros da catação de lixo, elas são partes ativas muito importantes do primeiro arco de uma cadeia produtiva informal mas de grande utilidade social. Algumas delas, depois de terem abandonado esse meio de vida, voltaram ao Lixão, por não encontrarem compensação nas profissões do setor formal da economia (salário mínimo, transportes, horários capazes de lhes garantir maior permanência com os filhos, roupas, vínculo empregatício etc.)

Outro aspecto a incorporar neste veio diz respeito ao fato de que a presença sempre marcante de mulheres facilita o trabalho social dentro e fora das dependências do Lixão, pois elas se revelam mais atentas aos perigos e riscos de acidentes, ouvem mais, estabelecem relações mais harmoniosas e cooperativas com suas companheiras, acreditam na perspectiva de transformação de sua vida e da sua família, fumam e consomem bebidas alcólicas bem menos que os homens.

O desenvolvimento de nossa pesquisa nos oportunizou também, com estas catadoras, a realização de observação participante, amplas e prazerosas conversações informais efetivadas no âmbito do próprio depósito do Lixão, nos seus locais de moradia, nas dependências da Escola Municipal de 1º grau Frei Afonso (local onde são preferencialmente efetivadas as reuniões da ASTRAMARE) e em outras localidades definidas por tais atores sociais. Contudo não negligenciamos a oportunidade de também entrevistá-las formalmente, coletando inúmeros depoimentos, entre os quais destacamos:

- *Sou catadora porque não tem outro meio de sobrevivência. Aqui eu penso em arrumar o pão de cada dia e ser feliz no futuro. Dou minha renda pra minha mãe comprar comida. Aqui devia entrar mais compradores, pra comprar mais caros os materiais . . . Os preços tão muito baixos e a Prefeitura não ajuda em nada. Euzébia Queirós Paiva da Silva, 14 anos*

- *Sou de Goiana, Pernambuco. Só sei assinar o nome. Não sei ler nem escrever. A Usina Maravilha fechou lá em Goiana e eu me lasquei e vim com minha família pra cá. Aqui ganho cem reais por mês. No Lixão já peguei frieira. Já furei minha mão com o gadanho e fui furada por um colega de serviço. Foi acidente . . . Eu acho bom catar o lixo . . . é obrigado. Me considero uma trabalhadora . . . Inté aqui a Prefeitura não ajudou em nada. O pessoal do governo são bons para as famílias deles. Aqui dentro já me contaminei: uma bolsa estourou pelo gadanho que tinha na mão e atingiu meu olho esquerdo. Tenho escuridão na vista. Não consigo mais ver direito com esse olho. Coça muito. Na hora que a bolsa estourou ficou tudo escuro, foi horrível. Saí gritando por dentro daqui. Outra coisa difícil é que muita gente come as coisas, alimentos encontrado no lixo e vão parar nos hospitais. Isso acontece direto aqui. Outro dia desse um trator de esteira a serviço da EMLUR passou por cima de uma criança . . . ele foi enterrado na lama do Lixão, mas não matou . . . a lama do lixo foi sua salvação. O menino tem 10 anos e agora tá preso no juizado de menores. Maria das Virgens de Santos Gouvêia, 42 anos*

- *Sou do Rio Grande do Norte da cidade de Coronel Ezequiel. Sou mãe de 10 filhos. Tenho seis com menos de 14 anos de idade. Destes, quatro trabalham no Lixão. A seca era muito*

grande lá, faltava trabalho. Por isto estou no Lixão. Lá sofri acidente com furos feitos pelo gadanho, agulhas de injeção que tem espalhadas lá dentro e pelo caminhão caçamba da EMLUR. Deste acidente feito pelo carro de coleta levei 18 pontos na cabeça. Eu ganho cem reais, mas penso em Deus melhorar minha vida para eu sair daqui. Torço direto pro lixo tá forte, bom, prá encontrar mais materiais. Ser catador é tá mesmo na jogadia, ficar sujeito a todo problema. As firmas que recolhem o lixo podiam pagar o nosso trabalho por mês. Era justo. Dentro do Lixão não devia existir nunca ganância. Ninguém devia pegar mais material no lixo do que o outro. Mas existe disputa pelo lixo e as mulheres têm medo de ser furadas pelos gadanhos dos homens. Não fazemos fincapé pra disputar o lixo com eles. Jozilda Albuquerque Rocha Ribeiro, 38 anos

- Sou de Itabaiana. Estudei até a sexta série. Eu e sete irmãos trabalhamos dentro do Lixão. Agora, na minha casa, só mora eu. Moro só e ganho por mês uns cem reais. É pouco, pois tenho um filho de cinco anos pra criar. Sou mesmo uma trabalhadora e só não quero vender meu corpo prá ninguém e vivo pensando em arranjar um emprego melhor pra sair daqui. Trabalho 15 horas por dia, senão eu não ganho . . . e compro comida pra mim e meu filho. Não dá prá muita coisa não. Eu acho o Lixão bonito porque é o lugar que ganho o meu pão. As mulheres trabalham aqui porque precisam. Muitas não tem marido, como eu, e precisa se manter.

Severina Carla Fernandes de Lourdes, 17 anos

- *Sou de João Pessoa. Nasci aqui mesmo e fiz só até a primeira série. Perdi o meu marido e tenho três filhos: um com 9, outro com 7 e o último com 4 anos de idade. A salvação da gente é o Lixão, apesar do ganho não chegar a duzentos reais por mês, pois compram os produtos que recolhemos muito baratos. Os melhores meses pra todo mundo trabalhar aqui são os do verão e os piores são os de inverno. Eu tenho vontade de trabalhar pra não ficar nas costelas de ninguém, pois não tenho benfeitoria de governo. Nunca tive. Os catadores vivem morrendo de fome e esse governo não faz nada. Por isso trabalho o dia todo. Dia e noite adentro, depois paro 24 horas seguidas. É assim. Maria Goreti Lira de Souza, 26 anos.*

Vê-se através destes depoimentos que as mulheres trabalhadoras do Lixão vivenciam no seu cotidiano as mesmas condições de trabalho perigosas e insalubres enfrentadas pelos homens; são subordinadas a um acúmulo exaustivo de atribuições e funções, simultaneamente assumindo uma dupla jornada de trabalho. A inúmeras delas é reservado o tríplice papel de trabalhadora, mãe e chefe de família, o que amplia suas dificuldades, problemas e necessidades bem como as de suas famílias.

Portanto como em outras atividades econômicas, a força de trabalho no Lixão tem dois sexos que são marcados nas suas relações sociais cotidianas por interatividade/conflituosidade.

Confirma analiticamente esta nova configuração do processo produtivo e das relações que daí emergem, ANTUNES (1997:46) ao dizer:

A presença feminina no mundo do trabalho nos permite acrescentar que, se a consciência de classe é uma articulação complexa, comportando identidades e heterogeneidades, entre singularidades que vivem uma situação particular no

processo produtivo e na vida social, na esfera da materialidade e da subjetividade tanto a contradição entre o indivíduo e sua classe quanto aquela que advém da relação entre classe e gênero tornam-se mais agudas na era contemporânea. A classe que vive do trabalho é tanto masculina como feminina. É portanto, também por isso, mais diversa, heterogênea e complexificada.

Na entrevista aberta, formulada com um grupo de mulheres catadoras do Lixão, uma das perguntas foi: O que você acha do trabalho realizado pelas mulheres no Lixão? Assim responderam:

- Antônia Laurentino Rodrigues Souza, 50 anos de idade: *"Concordo. Não existe outro serviço para fazer. Aqui é uma coisa livre. Só quem manda na gente é Deus."*
- Jozilda Albuquerque Rocha Ribeiro, 38 anos de idade: *"É um trabalho difícil. Os homens fazem "xixi" na nossa frente. Os palavrões são demais. Jogam pilhérias. Não temos outro jeito. A precisão é grande e temos que estar aqui."*
- Violeta Sarmiento Rolim do Carmo, 67 anos: *"Concordo. Todas precisam."*
- Jerônima Salete Aparecida, 50 anos de idade: *"Concordo, porque são todas unidas".*
- Aparecida Conceição das Chagas, 35 anos de idade: *"Concordo. As mulheres devem continuar porque estão lutando pela vida."*
- Janaína Salete dos Santos, 57 anos de idade: *"Bom, Porque só prestam trabalhando mulher, homem e tudo."*
- Maria Goreti Lira de Souza, 26 anos de idade: *"Concordo, porque muitas mulheres tem que se manter, não tem marido."*

- Severina Carla Fernandes de Lourdes, 17 anos de idade: *"Concordo, porque muitas mulheres tem que se manter. Não tem marido."*
- Geruza Barros de Alencar, 27 anos de idade: *"Eu acho muito importante."*
- Zoraide Felissimo da Silva, 30 anos de idade: *"Aqui não era prá trabalhar mulher porque o serviço é pesado demais."*
- Euzébia Queiroz Paiva da Silva, 14 anos de idade: *"Normal."*
- Gumercina Pinto do Amparo, 48 anos de idade: *"Grande trabalho."*

Objetivando conhecer também o modo de perceber dos catadores do sexo masculino sobre a participação das mulheres enquanto trabalhadoras no Lixão, recebemos deles respostas como as seguintes a esta mesma questão:

- João Pedro Teixeira Furtado (não declarou sua idade): *"Dentro do Lixão, mulher e homem."*
- Tiburtino das Chagas Santos, 27 anos de idade: *"Igualmente a dos homens. Concordo que elas trabalhem porque elas também precisam. As trabalhadoras devem ser respeitadas e são."*
- Pedro Brito Souto, 27 anos de idade: *"As mulheres ajudam. O Lixão dá prá todo mundo. Acho importante que a mulher trabalhe. Deveria existir mais respeito às mulheres trabalhadoras . . . menos palavrões por exemplo."*
- Berenilson Candeia Forte, 23 anos de idade: *"Importante, porque estão ajudando a manter também a família. Trabalham bem. Tem mulher que trabalha mais do que os homens."*